



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GERSON LUIZ DE ALMEIDA VIEIRA

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-803

Entrevistado: Gerson Luiz de Almeida

Nascimento: 31/10/1960

Local da entrevista: Shopping Bourbon Ipiranga, Porto Alegre.

Entrevistador: Luiza Aguiar dos Anjos

Data da entrevista: 15/08/2017

Transcrição: William Charles Osório Gomes

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Pesquisa: Mayara Cristina Mendes Maia e Luiza Aguiar dos Anjos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 64 minutos e 22 segundos

Páginas Digitadas: 28

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Luiza Aguiar dos Anjos intitulada *De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da Alegria”*: uma história da torcida Coligay apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em agosto de 2018

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Relação com o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre; Participação em jogos; Torcidas organizadas; Estádio Olímpico; Coligay; Torcida Interflowers; Formas de torcer; Torcida Geral; Mulher no estádio; Brigas; Viagens ao interior do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 15 de agosto de 2017. Entrevista com Gerson Luiz de Almeida Vieira a cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. - Bom, primeiro boa tarde Gerson, obrigado de novo por sentar-se para gente poder conversar. É, eu queria que você começasse me falando um pouco de como é que começou a sua relação com o futebol e com o Grêmio¹.

G.V. - Minha relação começou muito, muito, muito tempo, tinha acho que uns 3, 4, 5 anos de idade quando o meu pai me levou a primeira vez num campo de futebol para ver uma partida do Grêmio. Ele comprou meia, calção, camiseta, me fardou todo. De qual jogador, não me lembro de nada. [risos]. Quem me fala é ele, minha mãe e meu pai que falam isso aí. Mas foi aí que começou. E com o tempo eu fui pegando... Fui lembrando, eu tenho várias lembranças assim dessa época de ter ido no Olímpico². A gente morava aqui na Santana³, nós íamos a pé para o Olímpico e tinha um cachorrinho quente do Cine Roma⁴. Que ali na volta do jogo meu pai comprava um cachorrinho quente para nós, daí comia, às vezes não comprava. Mas, eu me lembro disso sabe, entrar na rua Carlos Barbosa, vai jogos à noite, enxergava os refletores ligados, aquilo ali era tapume ainda, coisas que eu me lembro, uma coisa bem rústica ainda. Tinha o alambrado. Foi com 5, 6 anos de idade que eu comecei mesmo a me lembrar de frequentar.

L.A. - Você continuou ao longo da adolescência, da idade adulta a frequentar estádio com a sua família, mudou um pouco?

G.V. - Até hoje. Não, depois que eu me casei tentava levar a minha esposa no jogo, mas ela não gosta. Tenho três filhos e nenhum gosta também, não curtiram o barato. Tentei.

L.A. - E você continua frequentando?

¹ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

² Estádio Olímpico Monumental

³ Bairro Santana, Porto Alegre

⁴ Cinema antigo de Porto Alegre.

G.V. - Continuo frequentando. *Bah*⁵, e como.

L.A. - E você mudou de companhias ou vai sozinho?

G.V. - Não, tenho companhias desde aquela época, amigos desde daquela época. Existe pessoas que eu conheço, que eu ainda converso daquela época e uns que vieram se agregando ao longo do tempo.

L.A. - E você chegou a integrar alguma torcida organizada?

G.V. - Sim. Tá, até 16 anos por aí, eu ia muito com meu pai no jogo. Ele não me deixava ir ao jogo sozinho. Então, em janeiro de 1977 nós fomos acampar, nós fomos numa praia aqui no Rio Grande do Sul e lá eu conheci o Leandro⁶. E ele tinha a minha idade, eu tinha 16 anos e o Leandro também tinha 16 anos, nós alugamos o mesmo lugar, o mesmo terreno, são duas casas. E o Leandro era da Força Azul⁷. *Bah!* Quando o cara me falou isso, “*Bah*, Gerson, eu sou da Força Azul”, eu me lembro que o Inter⁸ recém tinha ganho o Campeonato Gaúcho⁹... O Campeonato Brasileiro em cima do Corinthians¹⁰, porque ele tinha bandeira do Corinthians, aquela coisa toda, tinha ido no jogo, na final... e aí nós ficamos amigos. “*Bah* pai, deixa eu entrar na torcida organizada.” “Não, tudo bem!” O pai gostou do Leandro, da família do Leandro. E então o Leandro era da Força Azul que funcionava assim: tu tinha que se apresentar no primeiro dia lá, pedir para entrar na torcida, levar documentos e então, eu fui indicado por ele e conheci o Roberto¹¹, como é o nome do irmão dele... Uma galera ali, o Renato Furtado¹² que era filho do Cleber Furtado. Nós, para participar da Força Azul, tínhamos que levar uma bandeira. Tinha que levar uma foto também. E eu fiz uma bandeira que se tu vês hoje no *Youtube* o gol de um dos Grenal¹³ do Grêmio, aparece a bandeira direitinho. Porque: “Mas como é que tu sabe que é a tua?”, “Pô, porque eu fiz errado a bandeira!”. Eu coloquei o branco primeiro, então é a

⁵ Expressão linguística local.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁷ Torcida Organizada Força Azul.

⁸ Sport Club Internacional.

⁹ Campeonato Estadual do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Sport Club Corinthians Paulista.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Companheiro de torcida.

¹³ Nome dado a partidas que ocorrem entre Grêmio e Internacional.

única que some dali é aquela que aparece ali, ela é branca, azul e preta. Na realidade, tem que estar o azul, o branco e o preto, e eu botei azul, preto e... Azul... Eu botei assim azul, preto e branco, isso... Então, ela é errada e dá para ver direitinho na hora que sai o gol e ela aparece ali, na Força Azul. Eu estava na torcida. Terminado o primeiro turno do Campeonato Gaúcho, todo mundo debandou para Eurico Lara¹⁴. Então, eu fiquei três anos na Eurico Lara. E foi uma época muito boa.

L.A. - E por que essa mudança para a Eurico Lara?

G.V. - Ah! Porque a Eurico Lara era uma torcida do Grêmio e tinha muito mais estrutura. Assim, na Força Azul era legal... Mas é que a gente se encantou porque tinha as nossas buzinas, tinha sala, tinha sala de jogos, nós íamos para lá sábado para fazer... Tinha todo o Olímpico ali a tua disposição, tu era meio que sócio do Grêmio, sabe? Dava carteira, uma coisa assim, e nós ganhávamos uns lanches. Tudo que um adolescente gostaria, ali tinha, toda estrutura, tu só entrava com o corpo. Era muito bom.

L.A. - E a Força Azul tinha algum tipo de estrutura oferecida pelo Grêmio?

G.V. - Não, tinha uma sala. Tinha só uma sala que eles emprestavam assim, cediam, ficava ali na rua Carlos Barbosa no subsolo, embaixo da arquibancada.

L.A. - E a sala da Eurico Lara também era...

G.V. - Ah! A da Eurico Lara já era outra estrutura, já era lá na social, tinha uma sala com tudo... Várias salas, tinha os dirigentes, era uma coisa mais organizada.

L.A. - Tinha alguma norma para entrar na Eurico Lara?

G.V. - Era indicação também, tu chegava lá e pedia: “Eu quero entrar na Eurico Lara!” “Quem te conhece aí? Quem te conhece?” Era uma coisa meio restrita, não era chegou lá e entrar, os caras davam uma... Alguns não entravam. Ah, e outra! Tu viajava, tu tinha

¹⁴ Torcida Organizada Eurico Lara.

viagens pelo clube, tu conhecia o Estado, algumas coisas do país, então eu fui ficando lá. Embarcava naquele ônibus e ia.

L.A. - Tem alguma viagem especial que você se recorda daquele período?

G.V. - Ah! *Bah!* Uma especial assim que eu recordo era ir a Caxias¹⁵, era muito bom! Os jogos em Caxias era bom de ir que era um estádio mais estruturado. E Bento Gonçalves¹⁶, Pelotas¹⁷, os estádios eram... O estádio de Bento Gonçalves, a Montanha¹⁸, não é o que é hoje, nós entrávamos assim... Nós tínhamos que passar por um canto que embaixo era tipo um abismo e era um trem que passava lá em baixo antes. Então, era uma coisa, um estádio bem tosco mesmo. O legal mesmo era Caixas que era mais organizado. Fui para Santa Catarina, fui para o Rio de Janeiro também, vi Grêmio e Flamengo¹⁹ lá. *Bah!* Grêmio e Flamengo não têm nem comparação, é muito legal.

L.A. - Vocês chegaram a fazer muitas viagens para fora do estado também?

G.V. - Sim, Rio, São Paulo. Às vezes eu não ia, aí eu já tomava uma freada do pai, tinha que levar dinheiro para passar lá. O Grêmio fornecia tudo, ingresso e tudo mais, mas a tua subsistência tinha que ser tua. Então, às vezes eu não conseguia ir.

L.A. - E o que fazer parte dessa torcida se diferenciava da experiência de ir ao estádio sozinho, com a sua família, fora de uma torcida organizada?

G.V. - E que tu se juntava com uma galera, com as mesmas ideias, com as mesmas loucuras, sei lá, assim, de zoeira. Na Eurico Lara era uma coisa muito, como é, disciplinada. Tu não podia aprontar muito, sabe? Não podia aprontar muito. Tu tinha que entrar na linha, era meio um colégio assim, tem que ir aos sábados de tarde, tem que voltar, tem que chegar no estádio tal hora, tinha que colocar aquelas bandeiras lá para cima. Tinha no Olímpico dois, quatro... Tem né, tinha refletores que se colocava a bandeira do

¹⁵ Caxias do Sul, Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁷ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁸ Estádio Esportivo Montanha dos Vinhedos.

¹⁹ Clube de Regatas do Flamengo.

Everaldo²⁰, única marca que nós tínhamos na época. Então eu subia, eu gostava de subir, amarrava a corda na cintura, subia até lá em cima, largava. Então tinha todo esse envolvimento e uma galera ia para lá de tarde sábado. Então, tu começa a ficar amigo de todos, esse que era o barato. O pessoal... Meu pai já não ia tanto depois. São teus amigos, tu está indo num lugar que tu gosta com teus amigos, isso é uma coisa boa. Todos teus amigos, todos pensando o mesmo ideal. “Bah! Torcer pelo Grêmio, é o jogo do Grêmio”. São coisas assim, é convivência com o pessoal. E era muita gurizada, era um povo, era um monte de gente.

L.A. - Que tamanho a torcida tinha mais ou menos? Você consegue quantificar mais ou menos?

G.V. - Não era assim, não chegava a ter... Nós éramos assim tipo um relações públicas do Grêmio. Nós montávamos um espaço e distribuíamos bandeira e papel picado. Então, eram setenta, oitenta no máximo, não tinha muito. Mas a minha história para valer, que tu ia curtir mesmo é a história da Geral²¹. [risos]

L.A. - É? [risos]

G.V. - É.

L.A. - Então você pode me contar. [risos]

G.V. - Não, não, não. Vamos continuar na Eurico Lara por enquanto. [risos]

L.A. - E como é que são essas normas de comportamento? Como elas eram controladas? Quem garantia?

G.V. - Pois é, a Eurico Lara tinha os dirigentes que era um cara que cuidava da gente e tinha os diretores maiores que eram da parte de finanças. Eles viajavam com a gente, mas quem cuidava mesmo era uma cara que ficava cuidando ali. Então, tu não podia xingar

²⁰ Everaldo Marques da Silva.

²¹ Torcida Organizada Geral do Grêmio.

muito nome, xingar o cara “o filho da puta”, aquela coisa toda. Assim, não podia brigar. A intenção é sempre como eu estou dizendo, porque nós estávamos representando o Grêmio. Diferente da Força Azul, que eram os torcedores do Grêmio, mas não tinha nada a ver com o Grêmio, se quisesse brigar, se quisesse xingar, se quisesse... Não tinha problema nenhum, quando muito a torcida era punida, mas naquela época não tinha muita confusão como tem hoje. Mas a Eurico Lara era isso, meio que um colégio assim, passava a tarde de sábado lá fazendo papel picado, tinha salinha de jogos, pingue-pongue, *snooker*, ficava dançando, aí liberavam o [campo] suplementar para gente jogar bola no final da tarde. Então tudo isso encantava, né? Tu ganhava as camisetas para ir ao jogo, aquela coisa.

L.A. - Então, o perfil dos integrantes era de garotos mais jovens, pelo o que você está dizendo?

G.V. - Isso, sim. É uma gurizada, tudo a mesma idade. Tudo na época do segundo grau ali. Eu tinha colegas de aula que eram lá da Eurico Lara. Os amigos fazendo uma coisa boa, uma coisa que a gente gostava que é ir ao jogo do Grêmio. A viagem era muito boa, que tu ia lá para o estádio bem cedo, chegava praticamente de madrugada lá, ajeitar, dobrava as bandeiras, arrumava as taquaras, que naquela época podia usar isso também, essa bandeira. O Grêmio dava essas bandeiras, a gente enrolava, dobrava as bandeiras, pegava o papel picado, arrumava o ônibus, era uma função de viagem. Ia para lugar que não conhecia, chegava lá ia almoçar, não podia beber... Essas coisas eram cortadas. Tinha que ter um comportamento assim mais de colégio. Era o que as outras torcidas não gostavam, porque a Eurico Lara era muito formada com os certinhos do Olímpico.

L.A. - Aproveitando que você falou assim que as outras não gostavam, que outras torcidas que existiam naquela época?

G.V. - Nós tínhamos na época a Força Azul, que é da minha época. Da minha época era Força Azul, a Máquina²², aí surgiu a Coligay, tinha mais uma... É, acho que basicamente eram essas três na época, nos anos 70 ali. Depois começou a surgir a Raça²³, a Jovem²⁴, a

²² Torcida Organizada Máquina Tricolor.

²³ Torcida Organizada Super Raça do Grêmio.

²⁴ Torcida Jovem do Grêmio.

Máquina Tricolor. Então, começou a sair assim, uma época que começou a ter torcidas independentes.

L.A. - Em algumas entrevistas que eu fiz o pessoal trata da Eurico Lara como um departamento que agregou outras torcidas organizadas num dado momento.

G.V. - Sim, depois dessa fase aí. Depois dessa fase que ficou, é... A Eurico Lara não tinha assim uma... A Eurico Lara cuidava da Eurico Lara. Às vezes, as torcidas seguravam, eles pediam para alguém, pode ser até que fosse da Eurico Lara, mas não tinha controle nenhum. Eles fundavam, ganhavam a sala, pediam sala para o Grêmio, eram todas. Nos anos 1980 é que deu meio que uma explosão. Eu acho que daí eu não estava mais e o pessoal ficou vinculado, uma nova fase, acho que eles se vincularam à Eurico Lara.

L.A. - Enquanto você estava lá, a Eurico Lara era uma torcida e só? E você ou algum desses integrantes mais jovens tinham alguma função diferenciada dentro da torcida?

G.V. - Tinha... tinha dependendo... Para dar um exemplo, não é? Teve uma época que nós fomos convocados para ser gandulas dos jogos, então foi o ano de 1979. O ano de 79 que eu fiquei basicamente, basicamente não, fiquei todo ano como gandula. E lá dentro, entre os gandulas, eu era o que cuidava da molecada, eu que seria um coordenador lá dentro, dentro do campo.

L.A. - Como foi essa experiência?

G.V. - *Bah!* Uma das melhores coisas que aconteceu em termos de futebol porque nós entrávamos no vestiário, nós não entrávamos pelo campo, não. Eu me apresentava no vestiário, estava lá meu uniforme... *Bah!* Me achava o rei da cocada. [risos]. Botava chuteira, botava tênis, mudava de roupa e tudo, deixava no armário, vestia o abrigo do Grêmio para ficar lá dentro. Entrava antes, ia na frente, cumprimentava, às vezes levava uma faixa. Aí tinha contato, via os jogadores de perto, lá no vestiário... Porque aquele vestiário do Grêmio que tem no Olímpico, era aqui em cima o vestiário, tu descia um corredor, tu descia uma escadaria e depois subia. Era um túnel e aquilo ali era mágico. Não é o que é hoje essa coisa sem graça. Hoje é uma coisa sem graça. Tu saía do... Tu está

subindo assim a escadaria e tu começa a ver o estádio, a torcida... É muito legal, muita emoção! E eu vi muitos jogos decisivos então, nós não ganhamos nenhum título ali em termo de... Ganhamos o Gauchão²⁵, mas títulos nacionais não. Mas era muito legal, a parte de ser gandula foi muito bom. Vi muita coisa boa, muito jogo, muito gol de perto assim, muitos jogadores. Aquelas coisas que os jogadores ficam falando com os árbitros: “Seu viado!” “Seu isso, aquilo”. Aquelas brigas que dá, os caras vão para cima do árbitro gritar... *Bah* ! Os caras diziam horrores para os árbitros. Era legal de ver, era curtidão, era bom. Torcida nos xingava às vezes.

L.A. - E vocês da torcida Eurico Lara se reuniam em outros momentos para além dos jogos e além dos sábados de preparação para as partidas, outras festividades, reuniões?

G.V. - Não, não. Não, tinha no Grêmio, sempre no Grêmio, às vezes tinha jantares, tinha Natal, tinha Dia da Criança. O Grêmio fazia um churrasco, alguma coisa assim, sempre tinha uma... Alguma coisa do Grêmio, eleição que tivesse também. Mas não era fora, sempre ali no Grêmio.

L.A. - Entendi. E as amizades que vocês construía lá também iam para fora da própria torcida, são pessoas que você encontrava num aniversário, numa coisa fora da excursão?

G.V. - Sim, sim, sim. Ali na... Tanto que eu te disse, eu tinha colegas de aula, eu estudei no IPA²⁶, tinha vários colegas da torcida no IPA. Eu tinha um colega de aula que era meu... Não vou dizer que era meu melhor amigo, mas quase isso, o Luiz²⁷, não é Luiz, o Alberto²⁸ e o irmão dele que era da minha aula e também era da FICO²⁹, E os dois eram gêmeos. Então era...

L.A. – A FICO torcida do Inter?

²⁵ Campeonato Gaúcho.

²⁶ Instituto Porto Alegre.

²⁷ Nome sujeito a confirmação.

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

²⁹ Torcida Força Independente Colorada.

G.V. - Isso, torcida do Inter. O Luiz que era da minha aula. O Alberto era um ano adiante e tinha uns moleques que entram também no IPA e eram de torcida que iam lá. Eles se conheciam. Aonde eu morava, no bairro Petrópolis³⁰, tinha uns quatro ou cinco da Rua Vicente da Fontoura que também eram da Eurico Lara e tem uns que nos vemos até hoje, nos encontramos de vez em quando, nos jogos.

L.A. - Você sabe me dizer quando que foi criada a Eurico Lara?

G.V. - Eu era criança e já tinha a Eurico Lara. Olha, eu me lembro assim de o estádio me lembrar... com certeza, eu vi a Eurico Lara em 1968, que era uma buzina [faz o barulho da buzina], já tinha essa buzina. Mas eu acho que é bem antes disso.

L.A. - E por que você saiu da Eurico Lara depois de três anos?

G.V. - Ah, uma palavra: cansei. [risos]. Cansei daquele compromisso ali, já estava fazendo 10 anos, estava tá ficando mais velho. Aí... Eu cansei, para não usar outros termos. A gente cansa porque é uma disciplina, era um horário, tu vê, tu deixa três dias da tua vida, da semana, ali dentro, era o dia do sábado, o jogo de domingo e sempre um dia da semana. Então chega uma hora que cansa e eu me lembro que o último dia que fiquei lá, eu estava de gandula do jogo de Grêmio e Vasco³¹ e o Grêmio foi eliminado pelo Vasco aqui no Olímpico. Time com Éder, Telê Santana³², e... Não era o Telê Santana, era o Fantoni, o nome dele era Fantoni, *Bah!* Terminou o jogo, eu tirei lá no vestiário a minha roupa e entreguei para o Cesar³³ que era um dos coordenadores: “*Bah* Cesar, valeu por tudo.” E ele nem falou nada: Valeu”. Foram três anos de Eurico Lara, três anos... é muita coisa se for ver. Três anos de dedicação, muito bom, muito felizes, mas chega uma hora que tu cansa.

L.A. - Você chegou a frequentar alguma outra torcida depois?

³⁰ Bairro da cidade de Porto Alegre.

³¹ Clube de Regatas Vasco da Gama.

³² Telê Santana da Silva.

³³ Nome sujeito a confirmação.

G.V. - Não. Nunca mais. Aí veio... Nunca mais não, isso é meio mentira. Porque veio o meu irmão mais novo e ele com o Luiz Heitor³⁴ fundaram a Raça, se não me engano, ou a Garra³⁵, alguma coisa assim, porque elas eram parecidas. Aí eles me convidaram e eu conheci uma galera e até hoje eles se encontram. E não... Fui ficando, fui ficando sozinho assim, porque o cara tinha que ter a obrigação de ir ao jogo: “Eu quero ter um domingo não precisar ir no jogo...” Essa coisa, sabe? Mas tu acaba indo, mas tu não acaba indo cedo, tu vai na hora do jogo, tu quer sair antes, tu sai e eu saia. Aí eu me desvinculei e uma galera começou a se desvincular também. Outros entraram. Então, eu acho que começou a função da Eurico Lara cuidar das outras torcidas. Acho que foi nesse meio aí porque começou a surgir muita torcida independente. A Raça, a Garra, a Jovem, como é a outra que tem, a Máquina tinha, tinha uma que eu não estou me lembrando.

L.A. - A Real?

G.V. - A Real. Isso mesmo. “Real, real” [risos]. Então, eu conheci o Valtinho³⁶, não sei tu entrevistou o Valtinho.

L.A. - Cheguei só a fazer contato com ele.

G.V. - *Bah!* O Valtinho é parceria mesmo. Então, como eu te disse no início, eu conheci uma galera lá que até hoje a gente se conhece, se vê, se fala, se xinga. [risos]. E outros foram agregando assim, depois. Eu tenho um amigo, por exemplo, chamado Ronaldo³⁷, o apelido dele na época dele ir lá era ‘Feio’. Nós convivemos três anos juntos, nós somos amigos até hoje, até hoje a gente é amigo, eu às vezes vou na casa dele. E eu me lembro de uma coisa... Que eu digo assim, para os meus filhos: “Como é que eu ia deixar um filho meu fazer um troço que nós fizemos”. Era o Grenal de 77, a marquise do Grêmio era aqui, e a torcida do Grêmio entrando lá, nós ficamos das onze da manhã, onze da manhã, uma galera assim, de dois em dois na marquise, sentado lá na marquise assim, olhando para baixo, como é que a gente não cai? Porque o troço é inclinado, mas eu também fico pensando se um filho meu diz isso para mim, eu acho que sai de castigo dez anos, porque

³⁴ Luiz Heitor Meireles da Costa.

³⁵ Torcida Organizada Garra Tricolor.

³⁶ Nome sujeito a confirmação.

³⁷ Nome sujeito a confirmação.

nós ficamos assim na marquise... Olhando, na marquise ficava assim: “Bah, olha lá...” E ficou eu e o Ronaldo, o ‘Feio’, que nós com sacos de papel picado, saquinhos de papel picado, para jogar para torcida. E lá pelas duas da tarde a buzina lá do Eurico Lara: “Pá pá, papel picado. Tá ná ná”. A gente começou a jogar papel picado. Mas a gente gostada dessa função, nós ficamos umas três horas na marquise sentados batendo papo, falando, olhando a correria, dava uma briga aqui, uma briga ali. Depois, nós descemos e fomos lá para o outro lado para ver o jogo.

L.A. - Aproveitando que você falou um pouco de uma briga aqui, outra ali, como é que era essa situação de brigas e conflitos naquela época? Isso era comum?

G.V. - Olha, nós por exemplo, no Grenal do Beira-Rio³⁸ que nós íamos, não é? Nos Grenais no Beira-Rio... a gente se dava com a FICO, com a Camisa 12³⁹, eu jogava bola até em cima na... A gente chegava muito cedo no estádio e encontrava os caras, batia papo, trocava uma ideia... Às vezes a gente fazia um futebolzinho lá em cima, naquele espaço que tem atrás do mercado. Não tinha essa brigaçada, o cara ia a pé: “Ah, hoje eu vou direto para o estádio.” Ia de camiseta, com bandeira, se encontrava tomava flauta e tudo, mas não tinha essa brigaçada de hoje. Hoje está ferrenho o negócio, hoje não dá para...

L.A. - Então as brigas que tinham eram...

G.V. - O meu pai por exemplo, eu já o vi brigar em estádio, eu já não curto briga, mas eu vi meu pai brigando no Beira-Rio e tudo. Mas era coisa assim, o cara: “Senta aí, blá bla bla...” Daí daqui a pouco se pegava no pau. Meu pai atraia muito isso para ele. *Bah*, como eu vi meu pai brigar! Meu pai era o exemplo [risos]. Ele... Mas não tinha, naquela época não tinha tanta briga assim, tinha briga mais: “Ah, tira essa camisa”, Não sei o quê, “blábláblá”, xingava tudo, um aqui ou outro, a maioria não era... Não, até quando viajava para fora também não tinha tanta... A gente ouvia muita história, a torcida entre eles, o Flamengo contra o Fluminense⁴⁰, o Santos⁴¹ e São Paulo⁴², a gente ouvia brigas, mas nós aqui não tínhamos tanta briga como é hoje.

³⁸ Estádio Beira-Rio.

³⁹ Torcida Organizada Camisa 12.

⁴⁰ Fluminense Football Club.

⁴¹ Santos Futebol Clube.

L.A. - E as torcidas que você me mencionou, você percebia algum tipo de perfil específico dessas torcidas? Elas se diferenciavam tipo pessoa que compunha as diferentes torcidas do Grêmio?

G.V. - Não, só as ideias. Nas ideias. Como eu não convivi muito com eles, assim, naquele período foi uma época que eu meio que larguei o... Não é que eu tenha largado o Grêmio, que eu larguei de fato as torcidas, eu não acompanhei muito a evolução deles assim, do Bobis⁴³, do meu irmão, mas era uma coisa que a gente sempre defendeu, nosso, eu e esses meus amigos, que tu vai ver com o tempo que vão aparecer, a gente não queria mais era aquele jeito da torcida carioca, paulista torcer sabe... A gente cantava muito samba enredo aqui, isso não era de brigar... Nós não gostávamos disso, nós éramos meio contra isso, totalmente contra. Então não sei se alguma torcida deles não tinha isso, no fim era tudo a mesma coisa, é só para ter... É, uma coisa que eu não gostava na época, é que, quando surgiu essas torcidas, era essa coisa: “Ah, eu sou da torcida tal” e eles valorizavam mais a própria torcida do que o próprio Grêmio. Então, havia conflitos entre eles assim. Hoje dá muita briga entre torcidas do Grêmio, mais por causa disso: “Ah! eu sou da torcida...”, mas no fim todo mundo é do Grêmio, não é? Isso que eu não consigo entender porque essa função aí, mas naquela época não entendia muito os guris não como é que era, se diferenciar essas coisas. Era mais uniforme.

L.A. - A Força Azul, por exemplo, foi uma que você conviveu mais, tinha alguma coisa que diferenciava mais fortemente em relação a vocês? Nos integrantes, não tanto na estética.

G.V. - Da Eurico Lara?

L.A. - É.

G.V. - Era isso que eu te disse antes, é a independência. Eles não precisavam, eles não tinham um padrão de comportamento. “Ah, hoje tem que chegar às oito, às nove tem que

⁴² São Paulo Futebol Clube.

⁴³ Luis Heitor Meireles da Costa.

abrir as bandeiras, às dez tem que subir saquinho, às onze tem que distribuir apito”. Não. Nós chegávamos ali e ficávamos ali, tocando: “Tem pessoal da banda, não tem pessoal da banda?”. Aí ficava ali, tinha instrumento sobrando, tu ia lá tocar, era descontraída, era mais liberdade, tinha uma certa... Tinha uma total liberdade.

L.A. - E como é que era organizada a charanga das duas torcidas?

G.V. - Nós tínhamos os instrumentos ali, o bumbo... O bumbo não, o bumbo é mais moderno. O surdo, a caixeta, o tarol e ficava ali tocando, sempre samba, sempre samba, sempre samba, era sempre samba, tinha muito pessoal das escolas de samba aqui de Porto Alegre. E a Eurico Lara também tinha uma bandinha que aos sábados treinava, ensaiava, ficava lá. [imitando barulho do som dos instrumentos], Surdo, caixeta, tarol, ficava ali.

L.A. - Vocês também cantavam? Você mencionou a coisa do samba, de samba enredo, vocês também compunham música de vocês?

G.V. - Não. Naquela época não tinha isso aí, era só... Pegava uma música do Flamengo lá e... Como é, não me lembro agora, mas uma música do Flamengo e só colocava o Grêmio no lugar. Não tinha como é hoje, hoje... Depois a gente chega nessa parte. [risos].

L.A. - O comum era imitar principalmente outras torcidas...

G.V. - Rio e São Paulo, é. Basicamente isso, é o que um grupo começou a surgir que não gostava disso.

L.A. - Quando foi a primeira vez que você tomou conhecimento da existência da Coligay?

G.V. - Um dia nós fomos em um jogo lá e surgiram os caras. “Ué, quem são esses caras aí?”. Botaram umas roupas estranhas lá, umas camisetas e vieram, e ficavam assim ó: ficava Força Azul, ficava a Eurico Lara, no campo, não é? Nós éramos no meio assim, porque não tinha o alambrado, não tinha a parte superior era o alambrado. Então, nós ficávamos no meio, bem encostados na parede lá e a Força Azul aqui. E aí surgiram eles no meio da curva. Aquele pessoal lá, divertido, “Ah! Os caras são gay, não sei o quê.” Aquela

coisa toda, mas ali não tinha problema, não houve assim... Não tinha uma homofobia. Estavam lá: “É gremista, meu? Vambora” [risos]. Às vezes, nas viagens eles estavam também e ninguém enchia o saco de ninguém. Eles tinham a vida deles, opção sexual deles, que ninguém tem nada a ver com isso. Eles estavam ali curtindo como nós, direito que eles tinham de torcer pelo Grêmio. E sempre torciam muito pelo Grêmio. *Bah!* Eram, são pessoas legais.

L.A. - Você se lembra da performance que eles tinham na época?

G.V. - Me lembro claro, me lembro direitinho. Eles usavam as roupas, eles eram bem refestelados. Bem... *Bah!* Tudo que nós não tínhamos visto ainda, os caras apareceram. Eles usavam uns roupões assim listrados, cada um com um letra “G”... Ficavam dançando, dançando, fazendo as performances deles lá. Era bem divertido, era uma coisa nova. E aí surgiu no Inter uma igual, só que eles renegam até hoje. Essa é outra história.

L.A. - Mas você se lembra de ter visto o grupo do Inter?

G.V. - Claro! Me lembro direitinho, conheci os caras e tudo também, nós íamos nos Grenais, tinha contato com eles também. Eles colocavam... Tinha o Beira-Rio lá em cima, tinha a chaminé do Saci⁴⁴, eles colocavam a faixa deles *Interflowers*⁴⁵, eles ficavam em cima ali pertinho da FICO. Dinei Messias era o dono da *Interflowers*. A minha colega chamada Carla⁴⁶ era minha colega de aula e noiva do Dirnei Dias, que é irmão do Dinei, então a gente sabia das coisas, só que tu falava para qualquer torcedor e eles negam isso. Mas tem. Se tu procurar no *Correio*⁴⁷ dos anos 70, 77, 78, tu vai ver matéria deles ali.

L.A. - Da *Interflowers* inclusive?

G.V. - É, da *Interflowers*. Se tu procura na Internet, procura, não tem nada na internet, não tem nada no *Google*⁴⁸, nada, nada. Mas eu sei que no *Correio* tem várias matérias, em atas

⁴⁴ Mascote do Sport Clube Internacional.

⁴⁵ Torcida *Interflowers*.

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁷ *Jornal Correio do Povo*.

⁴⁸ Plataforma de busca na Internet.

aparecem eles, fotos, eles ficam lá num cantinho. E era a mesma coisa que a Coligay, se dava tudo, não tinha... Acho que frequentava até a mesma boate.

L.A. - Eles duraram pouco tempo? Você recorda mais ou menos?

G.V. - É, 78, 79. Acho que foi em 80 que eles já caíram fora. É, final de 78, acho que até 79, depois eles pararam. É que nem a Coligay, é que nem a torcida do Grêmio com o tempo foi caindo, foi saindo, uns foram morrendo, essas coisas assim. A Coligay tinha uma boate ali na Avenida João Pessoa, eu morava na João Pessoa com a avenida Olavo Bilac e na outra esquina eles tinham a Boate Coliseu que era o pessoal da Coligay. Como é que era o nome do cara, dono do bar...

L.A. - Volmar⁴⁹.

G.V. - Volmar isso mesmo. O pessoal era tri na boa, um pessoal legal, queriam torcer pelo Grêmio. Cada um torce do seu jeito, não é, torcendo pelo Grêmio.

L.A. - Como era o convívio de vocês da Eurico Lara com a Coligay?

G.V. - Com eles era tranquilo, lá era tranquilo, era bem tranquilo. Eles viajavam até, para o interior, tudo, não tinha... Eu, até, quando o pessoal brincava, “Bah! Tu é da Coligay, tu é da Coligay!” Eu falava: “Olha cara, inclusive os caras da Coligay é que nos defendiam no interior, cara, quando dava briga, alguma coisa, eles que iam para linha de ataque”. Os caras lutavam não sei o quê, eram bons de briga e nós éramos gurizada, não é?

L.A. - Eles eram um pouco mais velhos que vocês?

G.V. - Eles eram mais velhos. Eles já eram de maior.

L.A. - Você se lembra de algum acontecimento desses confrontos deles?

⁴⁹ Volmar Santos.

G.V. - Assim, por cima só deles chegarem no estádio e ter torcida esperando, de vim querer ir para cima da gente... Porque a gente chega de manhã no estádio, antes, e aí vem a torcida encher o saco, xingar, não sei o quê e eles iam, eles é que iam... Iam lá correr os caras. Nós éramos uma gurizada.

L.A. - E você chegou a conhecer algum integrante da Coligay especificamente, de você se lembrar...

G.V. - Não, é esse aí, o Volmar, o Carioca⁵⁰ que a gente via assim, que eu me lembro, mas nunca tive contato de fora do campo. Perto não, passava por eles, cumprimentava tudo, mas não, nada mais... Por falta de oportunidade também, não é? É, falta de oportunidade, só porque tinha nosso grupo. E nós é que tínhamos essa coisa meio de quartel. Eles não, eles chegavam na hora do jogo, eram mais liberados. Mas estava ali com o cara. O dia do jogo chegava e se nós fôssemos para o GreNal, no Beira-Rio, eles iam junto e nós ficávamos tudo junto ali até começar o jogo, até abrirem os portões da torcida e ficávamos batendo papo, uns folgavam neles, outros não. Mas nunca teve nada com a gente assim de conflito, nada. Foi uma boa convivência. Os caras torciam. eram de fé mais isso.

L.A. - E como é que era a convivência deles com as torcidas dos outros clubes? Você via algum tipo de diferenciação da forma que eles tratavam vocês da forma que eles tratavam a Coligay, por exemplo?

G.V. - Não, não, não. Não me lembro nada assim, na época nada assim que dissesse, não me lembro assim agora. Acho que era normal, “gremista isso, gremista aquilo”, mas nada...

L.A. - E você se lembra quando a Coligay parou de existir? Você lembra do grupo desaparecendo?

G.V. - Eu acho que foi 79, acho que foi a última vez que eu fui com eles, que eu me lembro. Então, eu parei também, aí eu meio que perdi o contato assim de torcida. Mas acho eles foram até 79, e não entraram nos anos 80.

L.A. - Por exemplo os títulos ali de 81, 83, você não se recorda deles estarem presentes?

G.V. - Não, eu não me lembro agora. É, não posso... Posso não estar certo, ok?

L.A. - Sim. Tudo bem.

G.V. - Como eu não estava indo à torcida, eu não estava vendo. No momento que o estádio passa a ter parte superior, muita torcida foi para cima e tu já não enxergava mais. Eu ia sempre para baixo ali na arquibancada. Então, podiam até estar e eu não ver, o estádio tem uma coisinha dessa, ficou gigantesco. Daí tu já não tinha mais contato visual. A Eurico Lara já não era mais a Eurico Lara. A Eurico Lara... 1979, é 1979 recém estava fazendo os módulos. Então, nos anos 80, quando inaugurou o estádio, acho que ficou uma coisa maior, não tinha como saber, pode ser até que eles tenham ficado mesmo.

L.A. - E se lembra como é que a imprensa retratava essa torcida, a Coligay?

G.V. - Coligay. “Pessoal da Coligay”, “Os guris alegres da Coligay”, “O pessoal sei lá”, coisas assim. Isso eu me lembro. Não tinha nada assim, não eram tratados “Ah, os caras são gays”, não. “Ah, o pessoal da Coligay, barara”. Como é hoje, como tratam os outros, sem problema nenhum.

L.A. - E o que você acha que faz com que essa torcida tenha permanecido lembrada após tanto tempo depois que ela terminou?

G.V. - Ah, uma coisa que eu vou te dizer, que uma vez me perguntaram em um programa sobre a Coligay, e eu disse assim... os caras estavam falando sobre a Coligay em um programa de rádio, blablabla, falando, falando, aí falaram umas bobagens lá, sabe? Daí eu peguei e liguei para lá, mandei *e-mail*, acho que mandei *e-mail* sim, não tinha *whatsapp* ainda. E disse: “Cara, oh meu, essa torcida terminou porque os caras morreram de *Aids*”. Isso mesmo, agora vou te dizer: “A torcida foi acabando porque os caras foram morrendo de *Aids*, por causa da função da *Aids*, aí acabou. Foi acabando, foi acabando, sobrou um aqui, outro só, assim foi o fim da Coligay”.

⁵⁰ Osmar Dziekaniaki Rodrigues.

L.A. - Isso você ficou sabendo através de pessoas?

G.V. - É, conversando, alguém contou: “E o pessoal da Coligay, o pessoal da Coligay?”, “Bah, que morreu, morreu fulano, morreu fulano”. Junto com esses meus amigos que a gente continuou se encontrando. O Luiz Heitor, meu irmão, outros tanto aí...

L.A. - E que mal lhe pergunte, você chegou a ler o livro que foi lançado sobre a Coligay?

G.V. - Não, não por falta de oportunidade, não.

L.A. - É, eu pergunto só para saber se alguma coisa que você me contar está fazendo referência ao que leu, ou se são todas lembranças suas mesmo.

G.V. - Sim, eu não li, eu não li. Pois é, isso que eu te falei aí tudo foi que eu vi, tudo que eu presenciei. Eu ficava aqui e eles ficavam aqui do lado. Eles ficavam de frescura um com o outro e começavam: “Saiu com o fulano essa noite?” Assim um folgando no outro entre eles. Eles eram... Olha, resumo da Coligay: eles eram uns caras muito divertidos, eram muito parceria de jogo assim, eram muito parceria, eram bem legal, eu não tenho nada contra eles, nada.

L.A. - E nas excursões, vocês tinham um convívio mais próximo? Tipo vocês dividiam ônibus por exemplo, algo assim?

G.V. - Sim, algumas coisas... Quando nós íamos para Caxias, elas iam junto no mesmo ônibus porque não tinha como pegar um ônibus para Força Azul e um ônibus para Eurico Lara. Tinha o da Eurico Lara, tinha o das outras junto, até umas torcidas não gostavam de ir porque a Eurico Lara ia junto, aí: “Fica quieto, não grita, não vai na janela” [risos]. Era assim, mas eles iam, viajavam também.

L.A. - E como é que era a interação?

G.V. - Ah, sempre teve quem, sempre teve implicação assim, às vezes, folgação. Mas nunca teve nada de agressão, nem repúdio, sempre foram... “São torcedores do Grêmio, vão embora. Negócio é o Grêmio ganhar”.

L.A. - E a gente chega nessa história da Geral, das minhas perguntas aqui, a princípio, eu conclui. Queria agora que você falasse tanto dessa história da Geral, quanto alguma outra coisa que você ache interessante me contar.

G.V. - Não, é que assim, como tudo começou... Como eu te disse antes, nós torcíamos de um jeito imitando a torcida carioca, até a paulista. Então, juntou uma galera que não queria, o Bobis, meu irmão, uma galera que começou a... Nós começamos a plantar um jeito novo, como a gente gostaria de torcer, então a gente começou falar... Fazer umas canções... Era uns quinze caras assim, a gente começou a imitar a torcida do Boca⁵¹, do River⁵² e um conhecido nosso conseguia as letras de lá, as músicas, não sei como na época. E a gente começou a colocar ali, cantar, só que a gente ficava no meio da torcida e ninguém entendia nada, nós ficávamos de pé. Isso eu estou falando, 1985, 1986, veja agora. E a gente não gostava de ninguém ficar sentado: “Vamos levantar, torcida sentada é só a colorada. Vamos levantar lálálá...” E uns nos xingavam: “Senta aí, senta aí.” E nós ficávamos de pé. Quando o Grêmio fazia gol, nós tínhamos a mania de correr para frente que nós víamos que a torcida lá da Argentina fazia avalanche. *Bah*, nós ficávamos naquele troço ali. Aí passou, passou, passou, passou o tempo quando chegou lá... Isso lá em 85, 86, 87, 88, 89, nós já fazíamos essas coisas, quando chegou 95 a gente começou... Não tinha mais bandeira, a gente começou a trazer uns trapos, nós íamos para trás do gol, nós éramos totalmente fora, tinha as torcidas organizadas lá, a Raça, a Jovem, a Garra, comum e nós íamos para o outro lado para gente poder fazer o nosso, o nosso jeito. Então, criamos uns gritos: “La vida pelo Grêmio”, fizemos uma... Tinha aqui nesse museu até uma foto quando eu e o Bobis fomos num jogo e nós colocamos essa faixa comprida, aí só estávamos nós lá sentados e a faixa, então tinha essa foto aqui no Museu do Grêmio, não tem mais.

L.A. - No museu que era no Olímpico?

⁵¹ Club Atlético Boca Juniors.

⁵² Club Atlético River Plate.

G.V. - Do Grêmio, no Olímpico, é. Era um paredão enorme assim do estádio e estávamos nós, aparecia nós dois sentados, que o pessoal não tinha chegado ainda. Nós tínhamos colocado aquela faixa comprida. Aí foi, foi, foi... Ficou aquela coisa toda, aqueles cânticos e veio 95, veio 96 e nós fazendo essa forma, cantando. Quando veio o primeiro Fórum Mundial⁵³, o primeiro Fórum Mundial aqui em Porto Alegre, nós fomos em um jogo e o Grêmio começou a fazer uma, atrás do gol, tu pagava cinco reais e ia para trás do gol; Aí nós começávamos a ir para lá para trás do gol e nesse mesmo jogo que coincidiu com o primeiro Fórum Mundial foram uns argentinos no jogo. Eles começaram a cantar, por lá, começaram a cantar no jogo e nós olhamos assim: “Os caras são argentinos. Vamos falar com eles”. A gente foi lá falar com eles, a gente começou a conversar, começou a conversar e vieram outras caras ali: “A gente faz assim, a gente faz assado, não sei o quê...” E aí aquilo começou a crescer, chegou a oito mil pessoas, essa avalanche e quando deu o gol a gente corria. E ali começou, tem uma galera que às vezes a gente se encontra que nos chama de semente porque nos que semeamos... Daí começou esse torcer diferente. As rádios nos intitularam de alma castelhana, outros nomes lá, mas a ideia era a seguinte: tu tinha que ir ao estádio com a tua camiseta e se pudesse levar um pano, uma bandeira, sei lá o quê, que era. Então, a gente colocava nas grades assim e ficava ali cantando de pé, não importava o jogo, tinha que ficar cantando. Só que o troço começou a crescer muito, cresceu, cresceu, cresceu... E teve 2003, acho que foi a maior lotação do Grêmio nossa, depois a Geral, aí virou a Geral. E nós não estávamos mais, nós largamos.

G.V. - É. E é bom, é bom, importante é tudo que eu te disse no início, sendo para torcer para o Grêmio... Pode ver ali, a gente não vaia, as coisas básicas continuaram, a gente não vaia, tem que ficar cantando, tem uma banda, a banda cresceu, as músicas são... Tem uma sequência de músicas. Eu não concordo. Tem uma sequência de músicas que tira a espontaneidade. Existem um roteiro de música.

L.A. - E que mal lhe pergunte, no momento do torcer, do gritar para o time e tal, entrando um pouquinho na questão do meu tema, a Coligay, ela se diferenciava com relação ao que vocês da Eurico Lara ou da Força Azul cantavam?

G.V. - Sim, eles tinham as músicas deles lá. Tinham. Eles eram, não vou falar pejorativos, mas eles eram bem refestelados. Eles torciam com o jeito deles, eles tinham o jeito deles de torcer, era bem diferente. Eles eram bem gays mesmo para torcer. Não estou falando pejorativamente. Era bem o jeito deles de torcer, bem refestelados.

L.A. - E tem mais alguma lembrança da Coligay ou das torcidas organizadas do período que você acha que eu não te perguntei que seria relevante mencionar?

G.V. - Talvez assim... Eu acho que de todas essas torcidas, elas sempre pensaram em torcer para o Grêmio, que é o que me movia. Nós tínhamos, tem ainda, uma paixão, uma coisa amadora porque nunca ninguém nunca ganhou nada com isso. Mas sempre foi isso aí... A gente se dava muito, fazia amigos, não tinha muita confusão, não tinha muito entrevero, era legal, era legal de curtir, era legal de ir, foram três anos muito bons que eu aproveitei bastante, conheci muita gente legal que a gente traz até hoje as amizades daquela época.

L.A. - E você falou que naquela época imitava muito torcida do Rio, São Paulo, esse imitar se dava por ver na televisão, por ir lá no estádio, por ter uma relação com as torcidas?

G.V. - Também por estádio, se tinha essa relação com torcida, as torcidas amigas se chamavam. Então, o cara ia, por exemplo: tu vai ver um Grêmio e Flamengo, tu via uma música deles lá, no outro dia tu estava com aquela música no estádio, cantando a mesma música só que cantando para o Grêmio. Tu pode notar, hoje tem muita torcida no Brasil que canta como a Geral. É, igualzinho, igualzinho. Tinha uma, quer ver uma coisa, não era da Eurico Lara, era da Geral... Quando terminava o primeiro tempo, nós cantávamos uma música no intervalo. Quando terminava o jogo, nós começávamos a cantar uma música. Para mim, era uma das partes mais legais, que era Amigo Punk⁵⁴. *Bah!* Até que um dia um abobado que eu não sei quem foi: “Ah, os caras da Graforréia⁵⁵ são colorados”, nunca mais cantaram. Aquilo era legal, era uma marca nossa, aquilo ali é uma marca nossa. Até eu me dou com o Frank Jorge⁵⁶ e ele dizia assim: “Vocês são fogo, não é? A torcida do Grêmio usando essa música lá, não sei o quê”. Mas era uma música muito tri, é até hoje.

⁵³ Fórum Social Mundial.

⁵⁴ Música da banda Graforréia Xilarmônica.

⁵⁵ Graforréia Xilarmônica.

⁵⁶ Jorge Otávio Pinto Pouey de Oliveira.

L.A. - E tem uma relação muito forte com o Estado, né?

G.V. - É, ficou muito legal para nós ali, sabe? *Bah*, terminava o jogo começava, era legal e todo mundo cantava, ficava aqueles cinco minutos ali a massa cantando. Até que um dia um disse: “Os caras são colorados, da Graforrêia.” E ninguém mais cantou, virou... E era uma coisa boa nossa no intervalo, era uma marca nossa. É, mas é o Frank vai ser colorado, a banda toda é colorada. Muito legal, curto eles, mas não tem essa, não é? Tu vê, perdemos um... Era um espetáculo nosso, eu achava muito tri. Era assim, o máximo! E nós começamos cantando essa música, eu e meus amigos num bar ali depois do jogo, aí fomos levamos para o intervalo... Depois, todo intervalo rolava ali o canto. A galera cantava, era muito legal.

L.A. - E nos Grenais tinha uma preparação específica? Como um ritual diferenciado em relação a outros jogos?

G.V. - Sim, até hoje. Até hoje rola uma preparação. Grenal é um jogo especial. Não tem! Eu tenho uma... Hoje em dia, passado esses anos, eu me agreguei a outros caras, outras pessoas que eu conheci através de um colega de serviço e eu tenho um grupo que eu vou a jogo, então, a gente faz muito churrasco lá. Chega cedo, a gente chega cedo, faz churrasco, posso te mostrar umas fotos aqui?

L.A. - Claro.

G.V. - Quer ver? Então, isso aqui já é o atual⁵⁷. Uma coisa de celular que eu digo para a minha esposa aliás, em foto é o seguinte, os grupos publicam tudo, não cara? Tu não sabe o que está aqui dentro. Mas essas bem no início aqui, eu sei que são só do Grêmio. Quer ver? Vou descendo aqui... Agora, tu pode ir bem tranquila, esse aqui é meu filho.

L.A. - E ele não gosta tanto de jogo?

⁵⁷ Entrevistado mostra algumas fotografias armazenadas em seu celular.

G.V. - Não, não gosta nada. Esse sou eu dando entrevista para a Rádio Gaúcha⁵⁸. Esse aí é o Bar do Ico⁵⁹, primeiro jogo da Geral que nós fomos lá na Arena⁶⁰, nós conhecemos o Ico, fazíamos churrasco aí, pode ir passando. Só que ele largou, se incomodou muito, já na Arena então, ele abandonou e nós trocamos de bar agora. Ele cedia para nós um canto lá e nós levávamos o gazebo, a churrasqueira... Ele emprestava mesa, nós ficávamos ali. Em Grenal é preparação especial... É churrasco, é...

L.A. - O que você achou da mudança lá para a Arena?

G.V. - No início eu não gostei... O estádio eu gostei, mas nós ficamos muito deslocados. O Olímpico foi meu pátio de casa a vida toda, então, a gente estranha ainda. O problema é vir de lá sabe, termina o jogo fica distante.

L.A. Você comentou que lembrou de uma história sua com a *Interflowers*. Você poderia contar essa história?

G.V. - Tivemos a Seleção Brasileira no Beira-Rio que, quando eu era da Eurico Lara, era 78 e a gente... Não foi nada demais o troço, nada demais, é que o prédio deixava fazer isso, tinha como fazer isso. A gente escalou o Beira-Rio, era fácil, não tinha... Não era nada excepcional, nós éramos tudo uma gurizada e não tinha mais ingresso, estava lotado. E um cara subiu, tem a rampa assim que desce, desce em direção à zona sul... *Bah*, os caras quebraram tudo, o cara foi quebrando, então ficou uma escada nas janelas, a eu fui atrás. E nisso, a brigada veio, começou a dar pancadaria, aquela coisa e eu corri entrei debaixo e me escondi na FICO que era do meu amigo. Eles me conheciam, não é? Eu estava com a camisa do Grêmio e tudo, todo mundo se dava, não tinha problema. E eu me encostei embaixo, em cima da gente estava o *Interflowers*.

L.A. - E eles tinham estilo parecido com a torcida Coligay?

⁵⁸ Estação de rádio do RS.

⁵⁹ Bar de Porto Alegre.

⁶⁰ Arena do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

G.V. - Tinha o mesmo esquema, mesmo esquema da Coligay. Eram... Tinha as chaminés da churrascaria Cecília e eles colocavam as faixas na... O Inter não tinha cobertura, eles colocavam a faixa deles, *Interflowers*, eles colocavam aqui e amarravam na chaminé.

L.A. - Eles também tinham uma vestimenta diferente?

G.V. - Sim, sim. Eles eram iguais à Coligay, igualzinhos à Coligay, só que era do Inter, *Interflowers*. Tu fala para colorado, eles não aceitam, mas existiu, eu vi, eu vi e me lembro direitinho.

L.A. - E complementando uma pergunta que não tem a ver com o que a gente tá falando agora, mas eu te perguntei mais o menos do tamanho que a Eurico Lara chegou a ter. Você consegue ter noção da Coligay e da Força Azul mais ou menos?

G.V. - Não, Não. Nós éramos maiores, muito maiores, a Eurico Lara tinha bastante gente, para a época, era bastante gente, uns cento e poucos caras. É, era bastante gente sim, era uma galera. A gente colocava um cercado e ficava ali dentro, com as bandeiras e tudo.

L.A. - E só podia entrar no cercado que era da Eurico Lara?

G.V. - Quem era da Eurico Lara. E para sair tinha que pedir... E nas outras, não tinha isso aí, fazíamos o que queria. Mas tinha as compensações.

L.A. - Vantagens e desvantagens.

G.V. - É.

L.A. - E como era a participação de mulheres nas torcidas organizadas nesse período? Da época ali da Eurico Lara.

G.V. - Não tinha mulher, era só homem.

L.A. - Na Eurico Lara era só homem?

G.V. – Não tinha, só homem. Só tinha uma coordenadora lá, Beth⁶¹ parece que era, Beth, que era da coordenação e o resto só homem.

L.A. - Mas era uma norma ou aconteceu assim por acaso?

G.V. – Não, a gurizada, as gurias não iam. Naquela época o estádio, mulher em estádio de futebol era xingada, os caras xingavam de tudo. Tinha até versinhos para mulher, o que graças a Deus mudou, né?

L.A. - E como é que é, por que você acha que, bom, não tinha ninguém na Eurico Lara em função disso, mas ao mesmo tempo tinha a Tina⁶² que era uma das...

G.V. - Não, mas ela era dos anos 80. Já é outra... A mulher começou a ir no estádio... Eu tinha uma tia que ia no estádio, eu conheci duas mulheres que iam ao estádio. A minha tia e a irmã de um amigo que nos levava às vezes quando nós éramos crianças, que era a Marisa⁶³. E ela dizia um fato bem interessante: “O Grêmio nunca deixa a gente ir embora mais cedo, sempre fica para o fim. Louca para ir embora que eu estou”. Então, era assim.

L.A. - No seu período na Força Azul, por exemplo, você não se lembra de ter?

G.V.- – Não tinha mulher, não me lembro não. Estou dizendo, não tinha. Lá nos 80 que começou a aparecer uma coisa de guria ir em estádio e era bem pouco também, não me lembro de tantas assim. Conhecia a Amália⁶⁴, que era esposa do Boris⁶⁵, a Tina também, e olha uma que outra. Depois que começou a criar, criar, crescer mais. Como é hoje nunca foi, a hoje acho que tem mais mulher acho do que homem no estádio, acho que quarenta por cento do estádio é de mulher hoje.

⁶¹ Nome sujeito a confirmação.

⁶² Nome sujeito a confirmação.

⁶³ Nome sujeito a confirmação.

⁶⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁶⁵ Nome sujeito a confirmação.

L.A. - Tinha a Terezinha Morango⁶⁶ do Inter também.

G.V. - A do Inter lá, é. Mas era um símbolo, é, é.

L.A. - Era uma exceção?

G.V. - Da minha época, é, da minha época. Era exceção, da minha época. É, não é nada, não é nada mesmo. Não tinha mulheres no estádio, se tivesse coragem de ir, escutava até o que não queria, impublicáveis.

L.A. - Não era fácil. Bom, Gerson, gostaria de te agradecer pela entrevista, mas antes de finalizar, queria saber se você gostaria de contar mais alguma coisa, alguma lembrança que você acha marcante da sua experiência na torcida.

G.V. - É, tu pediu assim: “Se lembrar de alguma coisa relevante”. *Bah*, era um Grenal de inverno, julho, frio, frio, frio, frio para caramba em Porto Alegre, devia tá uns cinco, seis graus e olhe lá. E nós fomos para o estádio entorno de quase oito mil ali... Nós nos encontrávamos em frente do Olímpico e o pessoal ia tudo lá, polícia nos levava, escoltava até lá. Quando nós entrávamos lá no Beira-Rio, o que aconteceu? Era um brete, e tudo fechado, não tinha banheiro, não tinha bar, não tinha nada, nos socaram lá para dentro. E bem aqui do lado da entrada, tu falou os banheiros químicos, eu lembrei... Tinha os banheiros químicos. O pessoal entrou no estádio, aquela coisa toda lá, e o pessoal indignado: “Não tem banheiro, não tem bar, não tem banheiro, só essas porcarias”. Não demorou muito para jogarem aqueles banheiros. Fosso. Pegaram os quatro banheiros no fosso, e os caras fizeram jogo, isso aí já era... Jogaram os banheiros, eu não me lembro se foi durante o primeiro tempo, eu acho que era finalzinho do primeiro tempo. Foi durante o primeiro tempo, botaram fogo no início do segundo tempo. *Bah*, Luiza, eu achei que ia morrer, eu e todo mundo. Se aquele fogo vem para cá, ia matar todo mundo intoxicado, porque a Brigada Militar não deixava sair do estádio e nós ficamos ali com a polícia de choque, eles trancando e a polícia sobe lá do meio da rua, do campo, atirando na gente. Eu me lembro que eu estava com o Boris, no dia, nós ficamos lá... Subimos e nos agachamos

⁶⁶ Não se sabe ao certo seu nome, mas ela se autodenominou de Terezinha Morango Kubitschek de Oliveira.

na parede do Beira-Rio, as balas de borracha “pá, pá, pá, pá”. O que que aconteceu? Quando colocou fogo aquela, coisa subiu, subiu, subiu, subiu, fogareiro, vieram os bombeiros e os caras da torcida do Grêmio... Porque era assim como a gente fala até hoje, aquilo foi armado para acontecer. Quem armou aquilo ali sabia que ia acontecer. Tinha até pedras do Beira-Rio, uns cacos de pedras, como se tivéssemos armados. E os caras começaram a jogar nos bombeiros e não deixavam os bombeiros chegar e o fogo pegando, fogo pegando, fogo pegando. Vê no *youtube* incêndio no Beira-Rio...

L.A. - Em que ano foi isso?

G.V. - Foi 2006, 2007. 2006, foi 2006, eu acho. O Grêmio recém tinha voltado da Segunda Divisão, ou o Grêmio estava... Não o Grêmio estava na primeira divisão e foi no Grenal. Foi Grenal do Brasileiro, acho que foi um Grenal em 2006, 2007. Olha, um fogaréu e os caras vieram e não deixaram os caras, aí veio o choque e parou a atirar enquanto a Brigada, os bombeiros iam apagar o fogo. Só que não apagava aquilo ali, é tudo...

L.A. - Químico.

G.V. - É, aí os caras para completar o trabalho... Do Grêmio está, eu não estou defendendo ninguém, a torcida do Grêmio arrancou o alambrado do Inter e ficou livre assim não tinha quem separasse as torcidas e eles fizeram que nem aquelas batalhas medievais se engalfinharam lá, pancadaria. Foi o pior lance que eu vi em toda minha vida de futebol, eu pensei assim: “Será que eu saio vivo dessa?” Daí deu tudo certo, saímos.

L.A. - Ficou lá no seu canto não entrou na engalfinhada.

G.V. - Não, vários conhecidos meu entraram. *Bah*, foi uma confusão de polícia depois, e justiça. Tive que depor. Eu não tinha que depor, fiz a testemunha de um colega porque ele foi visto na...

L.A. - No meio da confusão.

G.V - É, porque filmaram tudo. Por isso que eu digo que aquilo ali foi armado e filmaram tudo. Todo mundo foi visto, todo mundo, que estava brigando, quem não estava. Então, quem brigou, os caras chamaram na polícia e foi uma confusão.

L.A. – Bom, Gerson. Então muito obrigada pela gentileza em compartilhar suas lembranças.

[FINAL DA ENTREVISTA]